

PENSANDO COM OS ARTIGOS QUE COMPÕEM O DOSSIÊ ‘IMAGENS E SONS NA CONTEMPORANEIDADE’

Nilda Alves*

* Pós-Doutorado pelo Institut National de Recherche Pédagogique – INRP. Dra em Ciências da Educação, pela Université Paris Descartes. Paris 5, França. Atualmente profa. da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, atuando na graduação e pós-graduação, onde coordena o Laboratório Educação e Imagem. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: nildag.alves@gmail.com

No começo, esse dossiê deveria se organizar em torno das preocupações contemporâneas com as imagens. Com a mesma frequência e insistência com que nos chegam os sons do mundo - organizados em tessituras musicais que nos encantam ou nos barulhos urbanos que nos fatigam – os pesquisadores que trabalham com os sons nos enviaram textos que, como esta organizadora, também, trabalha com eles¹, me encantaram tanto como aqueles que me mandaram os pesquisadores que trabalham com as imagens. Na articulação, pois, destas duas grandes formas de ser/estar no mundo dos seres humanos e de buscar entendê-las, surgiu o presente dossiê que é publicado neste número da REVISTA DE ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS da UNISO: “Imagens e sons na contemporaneidade”.

Esse dossiê surgiu por proposta de Marcos Reigota ao grupo de pesquisadores que, em novembro de 2012, durante o VI Seminário do Laboratório Educação e Imagem/UERJ² (www.labeduimagem.pro.br), reuniu os nove grupos desta Universidade nele articulados³ e sete

¹ Coordeno, entre 2012 e 2017, a pesquisa com o título “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons” (CNPq; FAPERJ; UERJ).

² Esse Seminário teve por tema “O pensamento ecológico na contemporaneidade e a Educação - imagens, textos e movimentos” e foi realizado com o apoio da FAPERJ.

³ Grupos articulados no LAB: Currículos, redes educativas e imagens (coord. Nilda Alves); Cotidiano escolar e currículo (coord. Inês Barbosa de Oliveira); Educação e Comunicação (coord. Raquel Goulart Barreto); Infância, Juventude, Educação e Cultura (coord. Maria Luiza Oswald); Currículos, redes educativas e imagens (coord. Paulo Sergio Sgarbi Goulart); Culturas e identidades no cotidiano (coord. Mailsa Carla Pinto Passos); Ile Oba Oyo (casa do rei de Oyo/Xango) (coord. Stela Guedes Caputo); GPD/Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (coord. Edméa Oliveira dos Santos); Currículos, narrativas audiovisuais e diferença (coord. Maria da Conceição Silva Soares); grupos associados ao LAB: Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos (coords Carlos Eduardo Ferraço/UFES e Janete Magalhães/UFES); Estudos Culturais em Educação e Arte (coords. Aristóteles Berino/UFRRJ e Aldo Victorio Filho/UERJ); Laboratório de estudos audiovisuais – OLHO (Pesq. Antônio Carlos Amorim/UNICAMP); FORMACCE - Grupo de Pesquisa em Currículo e Formação (coord. Roberto Sidnei A. Macedo/UFBA); Cotidiano Escolar (Marcos Reigota/UNISO); Cultura visual e Educação (coord. Raimundo Martins/UFMG); Educação, sociedade do conhecimento e conexões culturais (coords. José Valter Pereira (Valter

grupos de outras universidades que a ele são associados (UNISO; UFES: UNICAMP; UFBa; UFRRJ; UFG; UERJ-FFP; UERJ/IA), com vistas a trabalhos comuns.

O primeiro aspecto a destacar, neste dossiê, é que como organizadora, posso fazer notar a diferença de lugar ocupado pelos autores dos artigos: temos nele, de conhecidos pesquisadores a pesquisadores iniciantes; orientadores e orientandos de mestrado e doutorado. A partir disto, uma questão se coloca: por que essas temáticas – de imagens e de sons – mobilizam jovens e não tão jovens pesquisadores e pesquisadoras? Possivelmente, isto possa ser explicado porque essas duas formas de criar o mundo, de interesse de todos os seres humanos, não podem se afastar de nossas preocupações de pesquisadores, nos processos que desenvolvemos.

Essas questões, com esses artefatos culturais humanos que são parte da vida humana, estão, nos artigos que compõem este dossiê, articulados a outras temáticas que têm a ver com a des-invisibilização de seres humanos, criadores deste nosso mundo, mas que durante tanto tempo eram vistos como “o outro” – minúsculo, desconhecido, insignificante, perigoso... Mas que de um tempo para cá, por suas lutas, por seus movimentos potentes ou por sua simples existência “precisaram” ser vistos e compreendidos e, com eles, os pesquisadores e pesquisadoras passaram a pensar: os negros, os jovens, o caboclo, os não ouvintes, os docentes... Os artigos, deste dossiê, trabalham, assim, com a ideia de presença do “legítimo OUTRO”, como aprendemos com Maturana (2001), em sua potência criadora, seus direitos, suas lutas e, sobretudo, em sua existência. Esses artigos relacionados nos mostram que as pesquisas desenvolvidas são, assim e também, *espaçostempos* de articulação, de compreensão e de luta.

Desse modo, os aspectos culturais que são tecidos uns aos outros nos artigos nos mostram e demonstram as inúmeras possibilidades de ‘usos” (CERTEAU, 1994) desses artefatos culturais – imagens e sons - e da riqueza de criação desses tantos e tão diferentes OUTROS.

Assumindo isto, os pesquisadores e pesquisadoras que nos entregaram seus artigos para publicação neste dossiê, se transformam em potentes criadores de *prácticasteorias* – quer

Filé/UFRRJ e Anelice Ribetto/UERJ-FFP); Tecendo – Educação ambiental e estudos culturais (coord. Leandro Belinaso Guimarães/UFSC).

epistemológicas, quer metodológicas - em pesquisas sobre as imagens e os sons. Como é próprio daquelas que nossos organismos financiadores consideram como “ciências humanas e sociais” – como se todas não fossem criações humanas e como se não se referissem e produzissem em sociedades historicamente existentes - aqueles que nelas atuam/pesquisam precisam, sempre, criar modos de pensar sobre grupos que estão em permanentes e complexos movimentos, nas tantas redes educativas que tecem e nas quais se formam.

Esses processos criados e em criação nos indicam, nos ‘usos’ de tantos e diversos modos de existir de imagens e sons, que são inúmeras as compreensões do que seja “imagem” e do que seja “som”: aquele som rural (?) que se repete há tanto tempo, se renovando sempre, e aquele som urbano (?) que dizem ser criado há pouco tempo, mas de origens ancestrais; as imagens que vêm à memória quando lembramos crises vividas pelos seres humanos e que precisam ser escritas, para serem superadas e aquela fotografia tomada de empréstimo para conversas com professores e professoras para discutir suas vidas que vão aparecer, também, em textos escritos.

Essa necessária criação *prácticoteórica* se junta, assim, à necessidade da memória: de viagens; de reportagens lidas; de imagens feitas e colecionadas, muitas vezes; de sons ouvidos e tornados a ouvir; de guerras vividas e da necessidade de superar suas consequências e marcas; de movimentos e sofrimentos humanos fotografados ou televisionados, em sua crescente proximidade de nós, pela existência de artefatos tecnológicos em nossas vidas; de características humanas múltiplas que exigem se relacionar com o que é chamado de “novas tecnologias”; de vivências profissionais ou culturais. Com isto tudo, os artigos apresentados nos permitem pensar uma das maiores questões posta às pesquisas com imagens e sons: a existência da verdade. O que é verdade? Existe uma verdade?

Para muitos de nós, essa tão importante questão colocada pelas ciências criadas pela Modernidade, como necessidade humana, quando os seres humanos passaram a ser, eles também, criadores de conhecimentos e significações - para além das verdades divinas medievais - pode e vem sendo discutida. As possibilidades, hoje, de “usos” de imagens e sons nos indicam, algo, que antes foi completamente ignorado: as multiplicidades de explicações sobre o mundo a partir de nossas diversas e complexas vivências e relações com a natureza e os outros seres humanos. Todas essas experiências humanas, para além de criar tecnologias com os diferentes ‘usos’ que fazemos de artefatos culturais produzidos nesses processos – de crenças e

ideologias a máquinas ou artefatos técnicos – nos foram mostrando que são muitas as verdades humanas com as quais convivemos sincrônica ou diacronicamente. Essa questão aparece de modo interessante em diversos artigos deste dossiê.

Em síntese: o mundo é vasto e as pesquisas com ele e seus *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) precisam ser múltiplas e diversificadas, em especial se tratamos de pesquisas com esses artefatos culturais tão comuns e de ‘usos’ generalizados pelos seres humanos – imagens e sons - e que, ao mesmo tempo, permitem caracterizar nossas grandes diferenças e nossas tantas semelhanças, quando discutimos modos de vida e existência de todos e todas nós, em sua potência.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alli, 2012. p. 47-70.